



NO SEU PESCOÇO

Réplica

Carlos Eduardo, Eduardo Ribeiro e Felipe Daltoé

RESUMO

Nkem é uma mulher nigeriana que vive nos Estados Unidos com seus filhos, em uma casa confortável mantida por seu marido, Obiora. Ele, no entanto, mora na Nigéria, onde cuida dos negócios da família e passa a maior parte do tempo. Ao longo da história, é revelado que Obiora mantém uma amante na casa onde, teoricamente, deveria viver com Nkem, e ela sabe disso.

A rotina de Nkem nos Estados Unidos é solitária. Ela tenta ocupar o tempo com cuidados pessoais, como alisar o cabelo e se depilar, sempre pensando em agradar ao marido em suas visitas. A casa em que mora é decorada com máscaras e objetos africanos, que são réplicas de peças tradicionais levadas da Nigéria. Esses objetos, apesar de bonitos, parecem frios e sem vida para ela.

Com o passar do tempo, Nkem começa a refletir sobre sua vida, suas escolhas e seu papel no casamento. Em um momento de impulso, ela corta o próprio cabelo bem curto, rompendo com sua aparência habitual. Esse gesto antecede a decisão mais importante que ela toma: decide que não quer mais viver separada do marido. Ao final do conto, Nkem diz a Obiora que eles vão voltar a morar em Lagos, na Nigéria.

TEMA CENTRAL

O conto se constroi sobre uma teia complexa de temas, entrelaçando:

- **A busca pela identidade;**
- **A desigualdade de gênero;**
- **As dinâmicas de poder;**
- **O deslocamento cultural;**

Nkem é uma mulher que **vive fisicamente nos Estados Unidos**, mas **emocionalmente está na Nigéria**.

Nkem está, constantemente, negociando quem ela é: **uma mulher nigeriana, uma esposa de um “Grande Homem”, uma mãe estrangeira criando filhos americanos – e uma mulher que começa a perceber que sua vida foi construída muito mais para agradar os outros do que a si mesma.**

Essa tensão é resumida na sensação constante de Nkem de não pertencer completamente a lugar nenhum:

“Às vezes, Nkem pensa em voltar para a Nigéria, mas nunca de maneira séria, concreta.”

A METÁFORA DA RÉPLICA

O título “**Réplica**” carrega um sentido simbólico evidente. Ele surge não apenas na referência às obras de arte africanas – **que no exterior são expostas como réplicas de uma cultura esvaziada do seu sentido original** –, mas também como uma metáfora da própria vida de Nkem, que se vê como uma **réplica da esposa ideal**, construída para satisfazer as expectativas do marido e do contexto social.

“Nkem pega a máscara e pressiona o rosto contra ela; é fria, pesada, sem vida. Mas, quando Obiora fala nela e em todas as outras, faz com que pareçam respirar, cálidas.”

“Uma réplica de inhame, pensa Nkem, e sorri.”

Esse trecho, aparentemente leve, carrega uma ironia dolorosa: assim como aquele “inhame” comprado nos EUA é uma imitação, **a vida de Nkem também se tornou uma imitação de uma esposa ideal, de uma mulher bem-sucedida, de uma existência confortável. Mas, na verdade, ela está desconectada de si mesma.**

DESIGUALDADE DE GÊNERO

O conto apresenta uma crítica direta e aguda à forma como a desigualdade de gênero se manifesta nas relações afetivas. O **corpo de Nkem é controlado, monitorado e moldado pelos desejos de Obiora**. Além disso, o marido organiza a vida da esposa sem consulta, tomando decisões unilaterais que definem não apenas onde ela vive, mas até sua aparência.

“Ela planejava retocar o relaxante no dia seguinte, e fazer um penteado deixando o pescoço definido, do jeito que Obiora gosta. E, na sexta-feira, planejava depilar seus pelos pubianos com cera até deixar apenas uma listra estreita, do jeito que Obiora gosta.”

Mas Chimamanda também denuncia a naturalização dessa desigualdade. Nkem não questiona imediatamente. Pelo contrário, **ela internaliza esse controle, a ponto de planejar sua própria aparência conforme as preferências do marido, como se fosse algo normal, esperado e inevitável**.

DESLOCAMENTO CULTURAL

Nkem vive fisicamente nos Estados Unidos, mas sua vida emocional e seu casamento estão na Nigéria. Ela não se sente totalmente integrada aos EUA – onde é estrangeira, onde seu sotaque a denuncia, onde seu modo de vida é atravessado por uma nostalgia constante da Nigéria. **Ao mesmo tempo, percebe que sua vida na Nigéria também não lhe pertence mais.**

“Às vezes, Nkem pensa em voltar para a Nigéria, mas nunca de maneira séria, concreta. [...] Os Estados Unidos a conquistaram, se enraizaram sob sua pele.”

Essa é uma das linhas mais fortes do conto, pois reflete como a experiência da diáspora não é apenas sobre geografia – **é sobre uma identidade partida, híbrida, que se sente insuficiente nos dois mundos.**

O GESTO DE CORTE (RUPTURA)

O gesto de cortar o cabelo é **o primeiro e mais poderoso sinal de resistência e libertação.**

“Agarra tufo de cabelo e corta rente ao couro cabeludo, deixando os fios do comprimento de uma unha.”

Esse ato de cortar o cabelo simboliza:

- A rejeição dos padrões estéticos eurocêntricos impostos.
- A recusa de ser uma mulher moldada pelos desejos do marido.
- O rompimento com a estética da submissão.

O cabelo, na cultura afro, é um símbolo carregado. **Ao se desfazer do cabelo alisado, Nkem se desfaz também da versão de si mesma que foi construída para agradar, para performar um papel.** Este gesto antecede o clímax da sua transformação: **a decisão de tomar de volta o controle sobre sua vida.**

O DESPERTAR FINAL

O ápice da transformação de Nkem ocorre no momento em que ela faz, pela primeira vez, uma afirmação contundente de sua vontade:

Essa fala tem um peso simbólico gigantesco. Até então, Nkem era uma mulher que se adaptava, que aceitava, que cedia. Nesse instante, **ela não consulta, não pergunta, não pede permissão. Ela informa. Ela decide.**

“Vamos voltar morar em Lagos. Vamos voltar.”

Aqui, a linguagem é libertadora. O uso de uma construção afirmativa – **“Vamos voltar”** – desloca Nkem da posição de objeto da vontade alheia para sujeito da própria história.

REFLEXÃO FINAL

O conto “Réplica” não é apenas sobre um casamento em crise. É uma análise poderosa e dolorosa sobre como:

- As mulheres, especialmente as negras, são forçadas a se tornarem réplicas de um modelo social, estético e afetivo que não escolhem.
- A colonização do corpo, da mente e dos afetos se perpetua, não só por estruturas racistas, mas também por dinâmicas de gênero que atravessam as relações íntimas.
- A libertação começa, quase sempre, por pequenos atos: um corte de cabelo, uma mudança de fala, uma decisão inesperada.

Chimamanda nos mostra que não há libertação sem desconforto, sem ruptura e sem coragem de abandonar as réplicas – para, enfim, construir o original de si mesma.

Obrigado Pela
ATENÇÃO!

